

Espiritualidade como estratégia de resistência: o tarô como orientação espiritual em tempos de negacionismo e pandemia de COVID-19

*José Lucas Vilas-Boas Oliveira**

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir sobre a importância do tarô como elemento de orientação espiritual durante a pandemia de COVID-19. No contexto pandêmico, acirrado pela política negacionista do governo Bolsonaro, a espiritualidade desponta como uma possível estratégia de resistência individual contra a ameaça do necropoder. A pesquisa aqui realizada opera conceitos das Ciências da Religião e da História Cultural numa leitura do contexto histórico e político da época de pandemia, percebendo as relações de poder engendradas através da prática espiritual. Ademais, faz-se uma breve análise sobre a presença do tarô no ciberespaço brasileiro, pontuando novos paradigmas de sua prática virtual. Assim, este trabalho observa como o oráculo desponta como um instrumento esotérico de impacto emocional e psicológico positivo ao ser social.

Palavras-chave: Tarô; COVID-19; Estratégias de resistência; Negacionismo; Necropolítica; Espiritualidade.

Abstract

This article aims to discuss the importance of the tarot as an element of spiritual guidance during the COVID-19 pandemic. In the pandemic context, intensified by the denialist policy of the Bolsonaro government, spirituality emerges as a possible strategy of individual resistance against the threat of necropower. The research carried out here operates concepts from the Sciences of Religion and Cultural History in a reading of the historical and political context of the pandemic era, perceiving the power relations engendered through spiritual practice. In addition, a brief analysis is made of the presence of tarot in Brazilian cyberspace, pointing out new paradigms of its virtual practice. Thus, this work observes how the oracle emerges as an esoteric instrument of positive emotional and psychological impact to the social being.

Keywords: Tarot; COVID-19; Resistance strategies; Negationism; Necropolitics; Spirituality.

Introdução

Períodos de maior potencial de risco são marcantes e recorrentes na história humana. Para Harari (2015), são três os principais problemas enfrentados pela espécie humana: a fome, as guerras e as pestes. Enquanto os dois primeiros transtornos podem ser entendidos como produtos de disputas e inobservâncias humanas, as epidemias despontam como eventos naturais – ainda que impulsionados pela ação do ser humano. A natureza aparece, diferentemente dos problemas

* Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe e Mestrando em História pela mesma instituição. Pós-graduado em História Social: Gestão e Planejamento pela FACUMINAS e Pós-graduando em Teologia e História da Religião pelo Centro Universitário Faveni.

Espiritualidade como estratégia de resistência...

anteriores, como vetor primordial dos episódios pestilentos, não obstante a participação humana na proliferação da infecção. Logo, as epidemias – ou pandemias – trazem uma sensação de impotência pouco experimentada pelo ser humano moderno, acostumado a ser o senhor do mundo que habita e da natureza que o rodeia. Afinal, os avanços científicos tornam as possibilidades quase ilimitadas, e confrontar-se com um evento imprevisível e impossível de controle imediato remonta a tempos em que a natureza e o “divino” se sobrepunham aos desejos mundanos.

Da Peste Negra do século XIV à gripe espanhola do século XX, a humanidade sofreu duras consequências do impacto devastador de novas doenças que surgiam e se propagavam de forma acelerada, o que foi amenizado pela evolução das ciências biológicas. Desde meados do século XX, a incidência de pandemias foi drasticamente reduzida; episódios epidêmicos do século XXI com alcance mundial iminente, como a SARS em 2002, a gripe aviária em 2005, a gripe suína em 2009 e o Ebola em 2014 (HARARI, 2015), tiveram implicação reduzida, tanto geográfica quanto demográfica – as perdas de até dezenas de milhares de vidas em todo o mundo, se comparadas às dezenas de milhões vitimadas pelas pragas dos séculos anteriores, representavam uma diminuição da letalidade e da escala desses eventos sanitários.

A pandemia vivenciada desde 2020, não à toa, foi – e ainda é – uma experiência arrebatadora, visto que a indefectibilidade da ciência foi posta em voga. Resultante de um coronavírus, patógeno de uma família viral causadora de infecções respiratórias, a exemplo das epidemias de SARS em 2003 na Ásia e de MERS em 2012 na Arábia Saudita (DA SILVA *et al.*, 2021), a nova doença, denominada COVID-19, provocou a imposição de medidas restritivas pouco usuais devido à ausência de uma vacina ou medicamento capaz de amenizar ou impedir a contaminação. Centros de pesquisa médica de todo o mundo se uniram em busca de uma vacina, que foi entregue em tempo recorde, mas os danos causados pelo vírus foram drásticos: até 8 de dezembro de 2020, data da primeira aplicação da vacina contra a COVID-19 (DIAS, 2021), ocorreram, no mundo todo, mais de um milhão e seiscentas mil perdas para a doença. Atualmente, este número já passa dos seis milhões e seiscentos mil mundiais (MATHIEU *et al.*, 2020).

Coadunada à crise sanitária mundial, a forte presença da extrema-direita no alto escalão da política mundial, movimento que ganhou maior impulso desde os primeiros anos da década de 2010, acirrou as incertezas vivenciadas por uma população encurralada entre o risco físico e a ameaça governamental. Tendo como medalhão ideológico o ex-presidente estadunidense Donald Trump, a ascensão generalizada de partidos ultradireitistas em todo o globo, amparados nas figuras de indivíduos específicos, caracterizou-se, entre outros aspectos, pela instrumentalização de problemas da política partidária – como a corrupção sistêmica, o não cumprimento de promessas de campanha e as alianças entre grupos ideologicamente distintos –, pelo discurso do atentado à

moral e bons costumes, pela pregação do uso da violência como forma legítima de garantia dos direitos individuais e pela disseminação de notícias falsas e teorias conspiratórias como arma de persuasão. Eleito em 2018, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro foi um dos principais representantes dessa movimentação ultraconservadora e negacionista no mundo.

Em vista dos pontos destacados, enfatiza-se que experienciar momentos de crise, quando a forma de vida das sociedades é drasticamente afetada, resulta em impactos emocionais e psicológicos que, muitas vezes, provoca o deslocamento de grupos sociais a uma proximidade com a espiritualidade¹ como uma forma de enfrentamento e resistência durante esse período instável e de alta mortalidade (CAFEZEIRO *et al.*, 2020). Isso foi observado no Brasil, por exemplo, durante a gripe espanhola, no início do século XX, quando parte da sociedade aderiu a práticas religiosas diversas como forma de confrontar os riscos provocados pelo contexto sanitário (BRITO, 1997; SOUZA, 2010). Frente à falência das instituições, que, no caso brasileiro, se viam, em tempos de coronavírus, sob o jugo do controle político por representantes da extrema-direita, o contato com o sagrado² conferia aos indivíduos uma espécie de poder de oposição contra as constantes ameaças enfrentadas nesse contexto ímpar. Foi nesse sentido que o tarô, um dos oráculos mais utilizados como forma de orientação espiritual e emocional no mundo ocidental, irrompeu como uma importante ferramenta esotérica em meio à pandemia de COVID-19.

Este artigo, num primeiro momento, estabelece a conjuntura histórica analisada, compreendendo os eventos sanitários e políticos que culminaram numa espécie de crise generalizada para parcela da população brasileira. Em seguida, por meio de discussões dos campos da Sociologia, das Ciências da Religião e da História Cultural, será abordada a espiritualidade enquanto estratégia de resistência. Por fim, o tarô será tratado enquanto possível objeto de orientação espiritual durante o período pandêmico, situando-o no contexto de sua presença no ambiente virtual. Dessa forma, busca-se estabelecer algumas possibilidades de observação das temáticas abordadas – COVID-19, governo Bolsonaro, espiritualidade, tarô e ciberespaço – de forma entrelaçada, permeada por relações de poder.

¹ Entende-se aqui a espiritualidade enquanto “processo de produção simbólica pelo qual a pessoa e o grupo religioso se comprometem numa relação existencial com uma realidade sagrada e, como consequência disso, com outras pessoas e outros grupos de pessoas” (DROOGERS, 1983, p. 128).

² O sagrado é entendido aqui como um plano não material da realidade expresso fenomenologicamente pela hierofania, que é “a manifestação do sagrado num objeto qualquer, [...] a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”” (ELIADE, 1992, p. 13).

A pandemia no Brasil em meio à crise política

Em dezembro de 2019, surgiu, na região de Wuhan, na China, uma nova doença respiratória, provocada pelo SARS-CoV-2, um novo patógeno da família dos coronavírus. Esta nova doença, que receberia o nome de COVID-19, apresentava elevado potencial danoso à integridade física e à vida daqueles que a contraíam, além de contar com um alto grau de transmissão. Em pouco tempo, o mundo se viu ameaçado por essa nova enfermidade: em 30 de janeiro de 2020, 21 dias após a primeira morte por COVID-19, a Organização Mundial de Saúde declarava o surto de novo coronavírus como uma emergência de saúde pública de importância internacional (ESPII), “um evento extraordinário que [...] é determinado como: (i) constituindo um risco para a saúde pública para outros Estados, devido à propagação internacional de doença e (ii) potencialmente exigindo uma resposta internacional coordenada” (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2009, p. 14-15). Esta seria a sexta ESPII declarada pela OMS; antes do coronavírus, houve o H1N1 em 2009, a poliomielite em 2014, o Ebola em 2014 e 2019, e o zika vírus em 2016 (VENTURA; AITH; RACHED, 2021).

No dia 11 de março de 2020, a OMS reconheceu a eclosão da pandemia de COVID-19. Em 17 do mesmo mês, no Brasil, após vinte dias do primeiro caso confirmado da doença no país, acontece a primeira morte provocada por ela (SANAR SAÚDE, 2020). Ações do Ministério da Saúde para contenção da transmissão, a fim de evitar o colapso da rede de saúde pública, começaram a ser postas em prática, destacando-se a regulamentação do uso obrigatório de máscaras respiratórias, a disseminação da utilização de álcool em gel para assepsia e o estabelecimento do isolamento social, com cidades de todo o país entrando em *lockdown*. Não só no Brasil, mas em todo o mundo tais medidas foram aplicadas. A proximidade com o outro passou a representar um risco à saúde do indivíduo e de seus entes próximos. O recolhimento tornava-se uma ação básica de autoproteção.

Paralelamente à crise sanitária global, o mundo vivenciava o processo de ascensão de uma nova extrema-direita internacional. A significativa presença eleitoral e governamental de partidos políticos próximos a ideologias extremistas e nazifascistas, como a Frente Nacional (França), a Aurora Dourada (Grécia), o Partido da Liberdade (Holanda), o Jobbik (Hungria), o Vlaams Belang (Bélgica), o FPÖ (Áustria), a Liga Norte (Itália), o Setor Direito (Ucrânia), o Ukip (Reino Unido), a União Democrática do Centro (Suíça), o Partido Progressista (Noruega), o True Finns (Finlândia), o Partido do Povo Dinamarquês (Dinamarca) e os partidos Nacional Democrata e A Direita (Alemanha), alertavam para a existência de um movimento globalizado de reação nacionalista, reflexo das transformações ocorridas no mundo desde a Revolução Digital da década de 1960, do processo de globalização capitalista neoliberal e consequente homogeneização cultural, e dos

efeitos da crise econômica de 2008 (REIS, 2020; SILVA *et al.*, 2014; LÖWY, 2015). Políticos das alas nacionalistas tornaram-se protagonistas nos processos eleitorais presidenciais de seus respectivos países, a exemplo de Marine Le Pen na França, Boris Johnson no Reino Unido, Recep Tayyip Erdoğan na Turquia, Matteo Salvini na Itália, Viktor Orbán na Hungria, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Mateusz Morawiecki na Polônia, Narendra Modi na Índia e Donald Trump nos Estados Unidos.

No Brasil, a eleição do ultraconservador Jair Bolsonaro como presidente em 2018 simbolizou a culminância de um processo político reacionário iniciado após as Jornadas de Junho de 2013 e que passou por eventos como a Operação Lava Jato, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva – que seria reeleito em 2022. Até 2015, quando Michael Löwy fez uma observação do conservadorismo e extrema-direita no Brasil, constatava-se uma descontinuidade entre os grupos neofascistas atuais e o integralismo da década de 1930, além de uma participação marginal desses movimentos na política nacional, algo que se modificou durante o processo eleitoral de 2018 e ganhou forças após a eleição de Bolsonaro. Movimentos neointegralistas, pró-monarquia e neofascistas, alguns deles inspirados nas experiências de extrema-direita ucranianas e austríacas, ganharam maior força a partir de 2018, assim como partidos da ala conservadora, como o Partido Social Liberal – que se fundiu ao Democratas e formou o União Brasil em 2022 –, partido que lançou a candidatura de Bolsonaro em 2018, ano em que teve seu melhor desempenho nas eleições legislativas, e o Partido Novo, representante do neoliberalismo à brasileira. Outros aspectos levantados por Löwy (2015) ainda são pertinentes, como a ausência de partidos de massa levantando bandeira pró-racismo (tais posicionamentos partem mais de falas e ações dos agentes políticos que dos estatutos partidários), a manipulação demagógica da luta contra a corrupção pelos conservadores, o culto à violência de Estado, a intolerância às minorias e o preocupante apelo aos militares – que se traduziu, durante o governo Bolsonaro, numa participação massiva de membros das Forças Armadas em cargos da Administração Pública.

A postura de Jair Bolsonaro se enquadra no que Umberto Eco definiria como “Ur-Fascismo” ou “fascismo eterno”, uma lista de características que “não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista” (ECO, 2019, p. 44). São elas: culto da tradição; recusa da modernidade; ação pela ação; o desacordo como traição; racismo; apelo às classes médias frustradas; obsessão da conspiração; incapacidade de avaliação objetiva da força do inimigo; visão negativa do pacifismo e noção da vida como uma guerra permanente; desprezo pelos fracos; educação para a criação de heróis; machismo; populismo

Espiritualidade como estratégia de resistência...

qualitativo e oposição aos governos parlamentares; e uso da “novilíngua”, uma linguagem léxico e sintaticamente pobre a fim de limitar o raciocínio crítico e complexo (ECO, 2019). Em maior ou menor grau, todos esses traços foram detectados nos discursos e atitudes do presidente brasileiro, mas merece destaque o ponto relativo à obsessão da conspiração.

A letalidade da COVID-19 não é o único fator a ser considerado na explicação dos números extremamente elevados de mortes no Brasil, que só perde para os Estados Unidos em quantidade de óbitos motivados pela doença durante o período pandêmico. O viés negacionista da extrema-direita e sua fixação conspiracionista contribuíram para a desinformação e a colocação de entraves à prática de políticas públicas voltadas para o combate ao coronavírus. Se a ideia de negacionismo, que “apareceu na historiografia somente a partir de 1987, no clássico *Le syndrome de Vichy* (A síndrome de Vichy), de Henry Rousso” (ROLLEMBERG; CORDEIRO, 2021, p. 76), inicialmente se referia à negação, por políticos e intelectuais, da existência das barbáries do Holocausto, a ideia expandiu-se a todos os âmbitos do conhecimento histórico, social e científico: há o terraplanismo, o movimento antivacina, a crença na democracia racial, a negação do colapso ambiental, a rejeição a eventos históricos – como a escravidão africana e a ditadura militar brasileira –, chegando à ideia de inexistência de uma pandemia – para os negacionistas, “fraudemia”.

No caso da pandemia em curso, alguns dos argumentos diziam que caixões funerários estavam sendo enterrados vazios, ou que o número de casos divulgados pelas secretarias estaduais de saúde estava fraudado, pois os hospitais estariam vazios e as entidades de saúde fariam laudos falsos sobre os óbitos por Covid-19. Seguindo o caminho comum de outros negacionismos apontado por Perini, os negacionistas da pandemia passaram a desqualificar e agredir os cientistas e o discurso científico, sem necessariamente argumentar de fato sobre a dúvida gerada. Logo apresentaram uma narrativa que se encaixava em valores compartilhados por determinados grupos, em sua maioria conservadores. Assim se tornaram comuns as narrativas que defendem a ideia de que os leitos de hospitais vazios, os laudos falsos e os caixões enterrados sem ninguém fariam parte de uma conspiração política para destruir governos de extrema-direita. (MOREL, 2021, p. 3)

Acompanhando o tom dos discursos propagados pelo presidente americano Donald Trump, Bolsonaro não só utilizou a mídia para afirmar sua visão negacionista e indiferente à vida, como interferiu na realização de medidas protetivas contra a COVID-19. Dentre seus pronunciamentos oficiais e extraoficiais, comparou a doença a uma “gripezinha ou resfriadinho”, exprimiu incessantemente sua rejeição ao uso de máscaras, ao *lockdown* e à vacinação, ironizou o sofrimento das vítimas de COVID-19 ao fazer uma imitação de uma pessoa com falta de ar e proferiu as frases “Eu não sou coveiro” e “Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” quando questionado sobre a quantidade de mortos (RIBEIRO, 2021; MENDONÇA, 2021). Junto a isso, ocorreram as sucessivas trocas de responsáveis pelo Ministério da Saúde – que,

a cada substituição, eram cada vez mais alinhados ao posicionamento do presidente –, a campanha pelo uso da hidroxicloroquina, da ivermectina e do “kit Covid” – ambos sem eficácia comprovada cientificamente e apresentando possíveis riscos à saúde dos pacientes pelo uso indevido – e os atrasos e ilicitudes na compra das vacinas. Se o Governo Federal assumisse uma postura favorável ao enfrentamento da COVID-19, segundo o epidemiologista Pedro Hallal, 80% das mortes, equivalente a um quantitativo de aproximadamente 400 mil óbitos, poderiam ter sido evitadas no Brasil (AGÊNCIA SENADO, 2021).

Essa conjuntura negacionista, característica da extrema-direita ascendente, permite uma relação com o conceito de necropolítica, uma forma de soberania marcada pela “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2016), de forma que o Estado decide não só quem vive e quem morre, como também as formas pelas quais isso deve acontecer. Em entrevista, o próprio Mbembe, sobre o momento pandêmico, afirmou que o isolamento social dá ao indivíduo um poder relativo de evitar ou adiar a morte, visto que esse poder também depende das outras pessoas. A forma como lidamos com nosso corpo, uma arma potencial, e com o futuro, ainda mais incerto, foi uma das sequelas desse período; o isolamento seria um modo de regular esse poder de matar que foi democratizado pela pandemia. Por outro lado, o impasse economia vs. população trazia à tona a lógica do sacrifício, comum ao neoliberalismo – ou necroliberalismo, para o autor –, dando uma ideia de valoração do indivíduo que afeta sempre os mesmos grupos sociais minoritários. Afinal, na teoria, a COVID-19 era uma ameaça de vida a todos, mas as condições geridas pelo Estado mantinham os setores mais vulneráveis da sociedade na posição de vítimas mais prováveis (BERCITO, 2020).

Com exceção dos grupos negacionistas e apoiadores do governo Bolsonaro, a sensação de fragilidade frente a um período instável foi multiplicada pela vigência de uma política estatal anti-humanitária e indiferente à vida. Não contando com o apoio de seu próprio Estado, que, além de provocar ou negligenciar crises constantes em vários setores sob sua alçada, colaborou com a desinformação pública, a divulgação de *fake news* e a criação de teorias da conspiração, alguns indivíduos sentiram a necessidade de buscar suporte e orientação por outras vias. Para as pessoas espiritualizadas, quando não se pode ter o auxílio médico ou psicológico por motivos logísticos, financeiros ou particulares, um dos caminhos mais óbvios é a busca de refúgio no mundo espiritual.

A espiritualidade como resistência

A concepção de poder como uma entidade distinta e acima da sociedade, baseada na visão liberal hobbesiana, entrava interpretações das relações sociais.

Espiritualidade como estratégia de resistência...

Pensar o poder [...] nos parece exigir pensar as relações sociais que não somente o instauram, mas que permanentemente o reconstroem. É nas relações sociais – econômicas, políticas, culturais, organizativas, de cotidiano – onde se implanta e se exerce a desigualdade como condição de existência, que se originam os meios de coerção para assegurar a desigualdade (FONTES, 2005, p. 12)

Para Foucault, que analisou o poder de forma histórica, contextual e subjetiva,

[...] as relações de poder são “desiguais e móveis”. O poder não é uma mercadoria, uma posição, uma recompensa ou uma trama; é a operação de tecnologias políticas através do corpo social. O funcionamento destes rituais políticos de poder é exatamente o que estabelece as relações desiguais e assimétricas. É a expansão destas tecnologias e sua operação cotidiana, espacial e temporalmente localizada, que Foucault se refere ao descrevê-las como “móveis”. [...] O poder não está restrito às instituições políticas. O poder representa um “papel diretamente produtivo”, “ele vem de baixo”, é multidirecional, funcionando de cima para baixo e também de baixo para cima. [...] O poder é uma matriz geral de relações de forças, num tempo dado, numa sociedade dada (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 203-204)

O autor debruçou-se sobre a questão do poder para compreender as formas como o ser humano se torna sujeito. Para ele, “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Um dos caminhos para compreensão das complexas relações de poder existentes na sociedade se dá através da utilização das formas de resistência contra os diversos tipos de poder como um ponto de partida. Investigando as resistências, pode-se entender as relações de poder. É preciso definir o que as lutas contra a autoridade têm em comum: não são limitadas a um país; objetivam os efeitos do poder sem controle; são lutas imediatas, direcionadas a um inimigo imediato e não à solução de problemas no futuro; questionam o estatuto individual, defendendo o direito à diferença e à individualidade, ao mesmo tempo que atacam tudo que separa o indivíduo de sua vida comunitária; lutam contra os privilégios do saber e se opõem aos segredos e imposições; e giram em torno da questão da identidade individual, de quem somos nós. “Em suma, o principal objetivo destas lutas é atacar, não tanto “tal ou tal” instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Estas lutas podem ser de três tipos:

[...] contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, [...] subjetivação e submissão). (FOUCAULT, 1995, p. 235)

Paul Claval (2011) estabelece a antiga e forte relação entre poder e religião no papel centralizador deste último. Segundo o autor, os sacerdotes-reis foram os primeiros alicerces das formas de poder concentrado e da política institucionalizada. O cerne religioso podia estar

associado ao rei ou imperador, que aparecia como o chefe supremo da igreja ou como um ser divinizado, escolhido por um ser superior. A religião, de prática pessoal, tornou-se componente da organização política, constantemente associada ao poder militar. Conseqüentemente, a vida religiosa sofreu conseqüências, como a consolidação da dimensão ritual como ato social e político, assim como a prática de conversão à força dos não-praticantes pelas igrejas, a fim de unificar o controle do poder político sob a doutrina oficial do governo. Com a multiplicidade de confissões e os conseqüentes conflitos de legitimidade do poder político por parte dos praticantes ou não-praticantes, o Estado tornou-se laico para restabelecer sua credibilidade. Nesse momento, as religiões foram substituídas pelas ideologias, igualmente doutrinárias, mas secularizadas. Porém, no século XX, as ideologias do progresso, pautadas numa centralidade ocidental e numa duvidosa concepção de desenvolvimento ilimitado, também caíram em descrédito devido à falência de suas experiências políticas. Os sistemas políticos entraram em crise, visto que suas fundações religiosas e ideológicas já não eram mais instrumentalizáveis. Por outro lado, as ideologias do inconsciente pessoal ganharam força e influenciaram o surgimento de novas religiões, que legitimavam não mais o Estado centralizado, mas o poder em escala local.

Hoje, as possibilidades para legitimar um regime político são (i) de utilizar as ideologias do inconsciente pessoal, do multiculturalismo ou dos novos ecologismos para firmar sua autoridade, (ii) de retornar às formas das religiões anteriores às filosofias da história e às ideologias, (iii) de dar um papel político às novas religiões, evangelismos ou seitas (CLAVAL, 2011)

No Brasil, o governo bolsonarista buscou aliar-se aos evangelismos cristãos para legitimar sua política de inspirações extremistas e autoritárias. Nesse processo,

[...] até a composição do novo governo, Bolsonaro fez acenos à grande chave “cristã”, o que não incluiu referências específicas às religiões afro-brasileiras e espírita, mas incorporou o judaísmo como compreendido pelo evangelismo de matriz fundamentalista norte-americana. Vem se apresentando como um cristão, sem acentuar as cores católicas e sempre sinalizando para os evangélicos que pode ser, parecer ou se tornar evangélico (ALMEIDA, 2019, p. 36)

Daniel Aarão Reis (2020) pontua que o presidente eleito em 2018, além de estabelecer alianças com o capital financeiro, o judiciário, o agronegócio, os militares, as forças de segurança pública e os setores de direita – ao perceberem a debilidade da investidura de Geraldo Alckmin –, como também angariar a simpatia das elites e da classe média conservadora com seu discurso armamentista, anticorrupção e antipetista, construiu laços importantes com as igrejas evangélicas, que apoiaram a candidatura de Bolsonaro devido às pautas conservadoras concernentes aos costumes, como a animosidade às reivindicações das lutas identitárias e ao consumo de drogas. Ainda que o Brasil seja um Estado laico, a chamada “bancada da bíblia”, formada por parlamentares ligados às igrejas evangélicas, tem uma forte presença no Congresso Nacional, constituindo-se

Espiritualidade como estratégia de resistência...

como uma poderosa base de apoio legislativo. Ao mesmo tempo, é importante lembrar que o discurso de negacionismo pandêmico teve forte repercussão dentro dos ambientes evangélicos e neopentecostais, que serviram como propagadores do discurso anti-humanitário do Presidente da República.

Em meio a esse contexto, a espiritualidade mostra-se um possível campo de resistência contra a sujeição do indivíduo ao necropoder estatal, à lógica genocida de um Estado que negligencia a vida de seus cidadãos e à aliança entre o governo e as religiões ultraconservadoras num esforço por uma sociedade brasileira segregada e fundamentalista. Espiritualidade é um conceito complexo e polissêmico, mas aqui é entendido nos termos gerais definidos por André Droogers (1983). Logo, não se trata de uma visão dual do espiritual enquanto oposição ao material ou relação subjetiva de cada um com sua crença religiosa, mas como uma prática interpessoal que possui meio de expressão, forma e conteúdo específicos e distintos para cada religião. Seria uma vivência relacional religiosa, que produz interpretações simbólicas da realidade através da interação entre pessoas e grupos com o sagrado. Dessa forma, não é abordada nesse trabalho uma espiritualidade relacionada à sacralidade religiosa cristã, mas a noções individuais místicas que, na contemporaneidade, são portadoras do legado da Nova Era, movimento epígono das sociedades herméticas e ocultistas que floresceram na França pós-Revolução e na Inglaterra vitoriana.

A ampla filosofia espiritual da Nova Era combina muitos sistemas de movimentos e correntes de pensamento pré-existentes que têm suas bases na comunidade metafísica oculta que deu origem a organizações como a Sociedade Teosófica. Outras influências significativas incluem o Espiritismo, o Novo Pensamento, o Movimento do Potencial Humano, o Movimento da Saúde Holística, a Psicologia Transpessoal, algumas religiões asiáticas e as religiões de povos indígenas, como os aborígenes australianos e os nativos americanos. [...] a principal motivação da comunidade da Nova Era é a “transformação” do eu, da sociedade e da humanidade. O movimento adota uma visão de mundo encantada dentro de um contexto secular; uma espécie de “esoterismo secularizado”, tirando do esoterismo ocidental a preeminência da experiência religiosa pessoal e reinterpretando-a a partir de uma perspectiva secular; seletivamente usando a metodologia da ciência, religião comparada, evolucionismo e psicologia. Embora existam muitos grupos da Nova Era com visões divergentes, o que os une é sua oposição às mesmas coisas (FARLEY, 2009, p. 151-152, tradução nossa)³

³ No original: The broad spiritual philosophy of the New Age combines many systems of pre-existing movements and strands of thought that have their foundations in the occult-metaphysical community which gave rise to organisations such as the Theosophical Society. Other significant influences include Spiritualism, New Thought, the Human Potential Movement, the Holistic Health Movement, Transpersonal Psychology, some Asian religions and the religions of indigenous peoples such as the Australian Aborigines and Native Americans. [...] the primary motivation of the New Age community is ‘transformation’ of the self, society and of humanity. The movement adopts an enchanted worldview within a secular context; a kind of ‘secularised esotericism’, taking from Western Esotericism the pre-eminence of personal religious experience and reinterpreting it from a secular perspective; selectively using the methodology of science, comparative religion, evolutionism and psychology. Though there are many New Age groups with divergent views, what unites them is their opposition to the same things.

Importa pontuar que, como dito por Bourdieu (1998), o campo religioso funciona como um poder simbólico que interage com outras formas de poder, sendo a estas subordinado. A hierarquia religiosa institucional, baseada na crença da legitimidade dos líderes sagrados, confere à autoridade religiosa uma respeitabilidade com desdobramentos políticos e sociais, de modo que o discurso sagrado é agenciado para a manutenção de uma dada ordem sociopolítica. Entretanto, a realidade multirreligiosa do século XXI já não é mais tão dominada pela coação hierocrática weberiana (WEBER, 2004), que entendia que a Igreja Católica, instituição religiosa dominante do contexto histórico vivenciado por Max Weber, detinha bens simbólicos, os quais controlava e distribuía aos seus crentes de acordo com seus comportamentos, coagindo-os, através de um poder simbólico, a seguir regras, preceitos e ideais católicos. Ainda que tal prática seja observada na atual conjuntura brasileira, não só no catolicismo, como em outras religiões cristãs, o caráter dominante da Igreja coabita com um crescente número de comunidades religiosas atreladas a práticas esotéricas características dessa espiritualidade da Nova Era, menos relacionada a dogmas e regras estabelecidas por um sistema religioso hierárquico.

A forte presença da Nova Era – também chamada de Era de Aquário – no mundo contemporâneo relaciona-se com um processo de reencantamento de mundo novecentista, num momento em que novos paradigmas científicos foram sugeridos, principalmente na segunda metade do século XX, a fim de superar o dogmatismo do materialismo científico e o domínio da visão ascética católica. Num esforço de compreensão do mundo complexo, reencantado e reconectado ao animismo, surge o conceito de idealismo monista.

A antítese do realismo materialista é o idealismo monista. Segundo esta filosofia, a consciência, e não a matéria, é fundamental. Tanto o mundo da matéria quanto o dos fenômenos mentais, como, por exemplo, o pensamento, são criados pela consciência. Além das esferas material e mental (que, juntas, formam a realidade imanente, o mundo da manifestação), o idealismo postula um reino transcendente, arquetípico, de idéias, como origem dos fenômenos materiais e mentais. Importa reconhecer que o idealismo monista é, como o nome implica, uma filosofia unitária. Quaisquer subdivisões, como o imanente e o transcendente, situam-se na consciência. A consciência, portanto, é a realidade única e final (GOSWAMI, 2003, p. 72)

A centralidade da consciência nesse novo paradigma intenta a desalienação do ser humano, que se vê como um personagem à parte da realidade material que habita e com a qual interage. Logo, a espiritualidade mágica, mística, esotérica, anímica assume posição de importância nessa nova forma de compreender a realidade e o modo como o indivíduo a constrói. É junto a esse resgate da importância da dimensão intraespiritual e da eclosão da espiritualidade da Nova Era que o tarô irrompe como importante elemento desse sincretismo esotérico.

O tarô como elemento de orientação espiritual

Composto por 78 cartas, divididas em 56 Arcanos Menores (dez cartas numeradas e quatro cartas de corte de quatro naipes diferentes) e 22 Arcanos Maiores (cartas com imagens simbolicamente significativas que funcionam como trunfos), o tarô, oráculo mais utilizado no mundo ocidental, é um baralho cujos primeiros registros históricos remontam à região norte da Itália, durante a primeira metade do século XV (DUMMETT, 2007; FARLEY, 2009). Originalmente um jogo de cartas comum, que trazia referências iconográficas à história das famílias aristocráticas que o encomendavam ou recebiam como presente, o tarô passou de um baralho com potencialidades educativas, deontológicas e ideológicas (SOSTERIC, 2014) a um oráculo divinatório, principalmente entre o final do século XVIII e início do século XX, quando se tornou elemento central de esoterismos ocultistas que floresceram durante os Renascimentos Ocultos francês e inglês (FARLEY, 2009). A partir da Nova Era, o jogo passou a ser visto também como instrumento de autoconhecimento, relacionando-se com compreensão do carma, autotransformação, cura e diagnóstico espiritual. O simbolismo, a estrutura, a temática central, o formato e o propósito principal do baralho assumiu diversas formas, pois, hoje em dia, existe uma infinidade de tarôs produzidos e utilizados por diferentes doutrinas, seitas e direcionamentos espirituais. Dos cabalistas aos praticantes de religiões afro-brasileiras, existe um baralho específico para cada um desses grupos, particularmente desenvolvido sob a influência de sua cosmovisão.

Para Jodorowsky e Costa (2016), o tarô é uma totalidade, um conjunto simbólico unificado complexo que representa a estrutura da alma, sendo principalmente um instrumento de autoconhecimento. Sua interpretação é pessoal, não consistindo numa verdade, mas em várias; afinal, não há impessoalidade numa leitura das cartas, pois o tarólogo opera os símbolos segundo sua própria visão dos significados do oráculo, de forma que o uso divinatório consistiria numa farsa. Destaca-se também que o tarô, por si só, não constitui ou integra uma doutrina esotérica específica. Seus usuários e praticantes pertencem às mais distintas denominações espirituais, o que torna o oráculo um elemento aglutinador de cosmovisões diferentes, mas complementares entre si. No contexto da prática mística individual da Era de Aquário, é comum o sincretismo de diferentes misticismos, sendo muito comum ver uma fusão entre aspectos da religiosidade tradicional, como a crença a santos católicos ou o uso de acessórios e símbolos ligados às religiões judaico-cristãs, com padrões esotéricos, como a previsão do futuro, o uso de cristais, o culto à natureza e às divindades femininas ancestrais, a terapia holística, a quiromancia, entre outros hábitos. Contextualizado numa religiosidade não-cristã, é possível associar o praticante do tarô, legatário do ecletismo da Nova Era, ao conceito de “peregrino” desenvolvido por Daniele Hervieu-Léger (2008, p. 87-89):

A figura que parece melhor cristalizar a mobilidade, característica de uma modernidade religiosa construída a partir de experiências pessoais, é [...] o “peregrino”. Associar modernidade com peregrinação pode parecer surpreendente; o peregrino, na história religiosa, aparece, de fato, bem antes do praticante regular. Ele perpassa a história de todas as grandes religiões. A peregrinação não apenas não é uma característica específica do cristianismo, como também sua prática é atestada desde os primórdios. À primeira vista, portanto, o peregrino encarna uma forma extremamente antiga e perene da religião e da sociabilidade religiosa. [...] O peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento, em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos espirituais individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e da associação temporária.

A condição do peregrino reside numa tentativa de criação de sentido ao interpretar sua própria trajetória por sucessivas experiências contraditórias. Suas vivências e suas crenças podem ajustar-se umas às outras no processo de individualização, no qual ele unifica diferentes conteúdos que formam sua unicidade espiritual. O peregrino da Nova Era é um sujeito que, ao mesmo tempo, pertence a todo e nenhum lugar, adaptando sua crença pessoal a diferentes contextos sem perder sua coerência interna ou deixar de ser parte da comunidade humana. Ele goza de um sentimento de liberdade em relação aos caracteres normativos da fé institucionalizada, que pode ser compreendido como uma forma de resistência aos poderes religiosos e sociais que buscam a submissão do indivíduo.

Desse modo, estando associados ao movimento da Era de Aquário ou a seitas e religiões marginalizadas, os praticantes do tarô formam uma comunidade que luta contra a doutrinação moral e ascética das crenças protegidas e privilegiadas pelo Estado. A espiritualidade dos membros do corpo social tarológico estabelece-se como um possível espaço de resistência aos ditames necropolíticos, extremistas, fundamentalistas e negacionistas de um governo indiferente à vida e ao bem-estar social. Tal resistência não se configura, necessariamente, como uma luta unificada de uma macrorreligião comunitária, mas como um empoderamento individual frente a uma realidade devastadora. O senso de união coexiste através das trocas de conhecimentos, dos rituais compartilhados, da criação de espaços seguros para comungar cosmovisões julgadas irracionais ou inaceitáveis pela população não-espiritualizada ou praticante das religiões institucionalizadas. Mesmo com a impossibilidade da comunhão presencial em locais físicos devido às limitações sanitárias em época de pandemia, a participação das comunidades no ciberespaço supriu satisfatoriamente essa lacuna, de forma a evitar que o senso de pertencimento e a experiência espiritual coletiva arrefecessem durante o longo período de distanciamento social.

Não se pretende abordar, nesse artigo, o tarô como um objeto místico, que serve efetivamente como ponte de contato com o sagrado, mas no entendimento de seu arcabouço

Espiritualidade como estratégia de resistência...

simbólico como representações de arquétipos junguianos do inconsciente coletivo, experimentadas imageticamente em sonhos, pensamentos e visões (NICHOLS, 2007, p. 20). Em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Carl Gustav Jung (2000) estabelece que esses arquétipos, ou imagens primordiais, agem no nível de conteúdos e comportamentos de natureza idêntica em todos os humanos. Eles variam de forma para cada pessoa ou cultura, mas possuem um cerne que é universal. Dito isso, o tarô, por meio de seus Arcanos Maiores, projeta na psique, de forma inconsciente, estímulos de aceleração imaginativa, fazendo com que o indivíduo veja aspectos pessoais externalizados, expressos em fatos, objetos e outras pessoas. Desse modo, as projeções realizadas pelas cartas atuam de uma forma simbólica positivamente poderosa sobre seus praticantes, colaborando no processo de autoconhecimento.

Alguns exemplos de utilização do tarô com finalidade terapêutica são o método Pramad, desenvolvido a partir de 1987 por Veet Pramad para auxiliar o consulente a buscar explicações para suas aflições, tendo por objetivo “sintonizar o indivíduo com a sua essência, identificar e ajudar a resolver bloqueios, medos e padrões de comportamento que o dificultam na difícil saga da sua realização plena” (ARAÚJO, 2008, p. 22); e sua utilização como Prática Integrativa e Complementar em Saúde⁴, servindo de ferramenta terapêutica aos praticantes e abordando aspectos técnicos, intuitivos e de crença dos tarólogos e a compreensão dos consulentes da leitura das cartas (CAVALCANTI, 2022). Destarte, o tarô, em seu aspecto simbólico, inconsciente e terapêutico, interpretado por seus praticantes de forma a receber significados sagrados, desponta como um instrumento de orientação espiritual: uma busca de respostas para a vivência cotidiana, uma maneira de encontrar identidade própria, vocação, autorrealização, satisfação e felicidade por meio de sugestões de caminho espirituais; ou seja, “uma espécie de bússola humana” (LORO, 2013, p. 34). Por meio de projeções arquetípicas presentes em seus símbolos, o tarô possibilita que seus praticantes agenciem suas crenças subjetivas espirituais, o que possibilita um autorreconhecimento nas cartas, as quais orientam emocional, espiritual e psicologicamente os indivíduos que creem no que o oráculo “tem a lhes dizer”.

Em relação ao enfrentamento de crises globais, estudos relativos à saúde mental têm sido realizados, destacando a espiritualidade como um importante instrumento de dotação dos indivíduos com recursos significativos à sobrelevação de adversidades. De acordo com Cafezeiro *et al.* (2020), o recurso à espiritualidade auxilia na compreensão do significado do sofrimento

⁴ As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são recursos terapêuticos e sistemas médicos completos “que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde/doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado” (BRASIL, 2006).

provocado pelas perdas, distanciamentos, luto e proximidade com a morte. Opera-se, através do âmbito espiritual, uma busca por sentido e por formas de superação da adversidade. No contexto da pandemia de COVID-19, algumas pesquisas, baseadas em estudos sobre experiências anteriores de confrontação de grandes crises, permitem traçar algumas possibilidades.

Nestas pesquisas, constata-se a importância da espiritualidade e dos valores a ela associados como a tolerância, esperança, compaixão, aceitação, fé, otimismo, alegria, empatia, perdão e gratidão. Estes, como já descrito, favorecem o apoio mútuo, possibilitando que a sociedade compartilhe suas necessidades, encontre estratégias próprias e desenvolva recursos de enfrentamento e resiliência. (CAFEZEIRO *et al.*, 2020, p. 172)

A criação e ampliação de grupos e perfis nas redes sociais relacionados ao tarô durante o isolamento social, junto ao crescimento numérico de pesquisas em mecanismos de busca e seguidores em páginas voltadas ao tema, ilustram o interesse crescente pelo oráculo e a necessidade de participação de uma comunidade virtual mística e emocionalmente sensível. Ainda que o movimento de migração das práticas espirituais ao ambiente digital não seja um evento específico do período pandêmico, a ampliação da presença dos grupos praticantes de tarô nas redes sociais pôde ser percebida. O hábito da leitura do tarô, tanto por profissionais quanto por seus estudantes, como forma de orientação emocional e espiritual foi notado em observação à movimentação da comunidade tarológica nas redes sociais. Tiragens de cartas coletivas, *lives* com leituras e debates entre profissionais da área, publicações com curiosidades e informações sobre o funcionamento e a história do oráculo, diálogos com o momento de pandemia e de crescimento da extrema-direita, desabaços sobre o temor provocado por um momento sombrio; estes são alguns exemplos de práticas recorrentes dos tarólogos e consultes no ciberespaço durante o período de pandemia.

Para ilustrar numericamente tais constatações, observou-se a existência notável de perfis e comunidades virtuais brasileiras em plataformas como o Facebook, TikTok, Instagram e YouTube. Além de perfis de tarólogos, o oráculo, por estar relacionado a várias doutrinas esotéricas, também é tema de conteúdos produzidos por perfis mais voltados a magia, misticismo, bem-estar, espiritualidade, bruxaria, astrologia etc. A repercussão do tarô no mundo digital culminou no lançamento, em 7 de junho de 2022, de um site, desenvolvido pela plataforma de vídeos YouTube, que proporciona uma experiência interativa do tarô para os usuários.

Em comemoração à crescente comunidade de tarô no YouTube, estamos trazendo uma experiência interativa do Tarot no YouTube! A comunidade de tarô no YouTube cresceu significativamente nos últimos anos. De fato, no ano passado, vídeos com “tarot” no título foram vistos mais de 250 milhões de vezes nos EUA! Para comemorar a comunidade de cartões de tarô, fizemos uma

Espiritualidade como estratégia de resistência...

parceria com alguns de seus criadores e artistas favoritos para oferecer uma experiência personalizada de tarô (WHAT'S, 2022, tradução nossa)⁵

Outrossim, um questionário realizado via *Google Forms* pelo autor deste artigo⁶ busca reunir informações de praticantes do tarô acerca de sua forma de interagir com o oráculo no contexto pandêmico e virtual, com o intuito de observar possíveis mudanças na prática do tarô durante esse período. Nos resultados preliminares dessa pesquisa virtual, 58,6% dos participantes responderam que, após a eclosão da pandemia, houve um aumento do contato com o tarô; ao mesmo tempo, 27,6% afirmaram não haver mudança, enquanto somente 13,8% assumiram diminuição de envolvimento com o oráculo. É válido destacar que, apesar do impulso provocado pelo período pandêmico, este não despontou como um dos temas tratados em consultas pelos respondentes do questionário; segundo eles, os principais questionamentos foram sobre relacionamentos sociais, familiares e amorosos (65,5%), questões emocionais e psicológicas (55,2%) e conselhos e tomadas de decisão (48,3%). Isso pode nos dizer que, se o evento catastrófico em si não assumiu caráter central nas indagações intrapessoais dos praticantes de tarô, foi responsável por uma maior aproximação dos tarólogos e consulentes ao oráculo, cujo papel enquanto norteador espiritual e emocional não só se manteve, como foi amplificado durante um momento de crise generalizada.

Os dados pontuados acima coadunam-se ao entendimento de Bingemer (2020, p. 263) sobre mística, espiritualidade e pandemia, no qual ela afirma que a experiência sagrada nesse período “implica em dialogar com a ciência e deixar-lhe plena autonomia no campo e competência que lhe é próprio”. Dessa forma, recorrer ao espiritual não consiste no abandono do progresso científico; trata-se, em verdade, de “não misturar epistemologias ou querer tratar o que releva do campo do biológico com instrumentos falsamente espirituais que matam em vez de curar e alimentam políticas genocidas que empurram as pessoas para o contágio e muito provavelmente, para a morte”. Em complemento, Ribeiro (2020, p. 234) pontua sobre as expressões de espiritualidade durante a pandemia:

Um primeiro conjunto delas, embora com variações, é articulado por elementos ideológicos. Uma de suas expressões se caracteriza, seguindo visões emergentes na sociedade no campo político, pela negação da dramaticidade da pandemia. Outra expressão atribui a disseminação da doença à ira e ao castigo de Deus pelos pecados humanos, especialmente os associados à liberdade sexual e ao uso do humor ou relativização dos valores religiosos tradicionais. Outra expressão, também relacionada às ideologias obscurantistas, atribui a pandemia à supostos

⁵ No original: In celebration of the growing tarot community on YouTube, we're bringing you an interactive Tarot YouTube experience! The tarot community on YouTube has grown significantly over the past few years. In fact, last year, videos with "tarot" in the title were viewed more than 250 million times in the U.S.! To celebrate the tarot card community, we partnered with some of your favorite creators and artists to bring you a personalized tarot experience.

⁶ Os dados aqui apresentados referem-se a uma pesquisa ainda em fase inicial, com um quantitativo reduzido de acessos que possibilitem constatações mais robustas. No entanto, esses primeiros resultados demonstram certas tendências percebidas pela observação na prática e presença virtual da comunidade de praticantes de tarô.

interesses comunistas para afrontar a fé cristã. Nesse sentido, é preciso analisar a constante necessidade de se apontar inimigos, reais ou imaginários, que ameaçam a fé, algo sempre presente nas interpretações religiosas de caráter mais fundamentalista. Apontar inimigos de forma constante se faz necessário para a sustentação e manutenção dos discursos violentos, dos sentimentos de rivalidade e mesmo de exclusividade da fé e da razão.

Para os praticantes do tarô, os especialistas da ciência não deixam de ser autoridades portadoras de um conhecimento útil para esses indivíduos, afinal, não há um viés ideológico unificado na prática oracular que exclui a relevância do mundo material frente ao sagrado. O viés negacionista e anticientífico observado em algumas leituras religiosas, rejeitando a ciência e alçando Deus à posição de única opção de salvação do vírus, não se aplica aqui. Na verdade, o campo da espiritualidade, para a comunidade tarológica, opera enquanto guia espiritual cotidiano, interagindo com os aspectos psicoemocionais de cada indivíduo. Por esse motivo, apesar da pandemia e da necropolítica bolsonarista representarem ameaças ao bem-estar físico e mental, suas resoluções não são efetivamente responsabilidade do âmbito sagrado, por esse motivo não se tornando um tema frequente nas consultas ao oráculo. As ações materiais, sociais e políticas não são negligenciadas ou negadas; só passam a dividir espaço com a orientação espiritual.

Pode-se afirmar que a dimensão psicológica da sociedade é um elemento que deve ser considerado na observação histórica, pois momentos traumáticos são emblemáticos na compreensão de outras formas de dominação e subjugação social através do impacto emocional em grupos sociais mais vulneráveis. Ao passo que a política estatal colabora com a mortandade, pensar estratégias de resistência a esse poder subjugador perpassa a necessidade de criação de um ambiente convidativo e desobstruído aos sujeitos sociais. A conjugação entre a prática espiritual e a participação no ciberespaço permitiu a construção de um espaço fisicamente seguro, emocionalmente sensível, espiritualmente engajado e aberto ao diálogo.

Considerações finais

Para compreensão do poder sob o viés foucaultiano, atentando-se à sua historicidade, contextualidade e subjetividade, faz-se crucial a investigação de aspectos próprios ao momento histórico. Para o cidadão brasileiro médio, afetado pelas mudanças provocadas pela COVID-19 e frustrados com as ações políticas negacionistas do governo Bolsonaro, a dimensão emocional e psicológica torna-se central, visto que a anulação dessa perspectiva humana é uma estratégia neoliberal de controle do indivíduo, transformando-o em um sujeito que só tem valia enquanto produtivo e consumidor. Dentro da lógica capitalista, a suplantação de sentimentos converte-se em uma máxima sistêmica, pois exclui boa parte da margem de reação da sociedade.

Espiritualidade como estratégia de resistência...

Tratar a espiritualidade como espaço de resistência a períodos de crise sob o viés da História, debruçando-se sobre os casos específicos da pandemia de COVID-19 e dos praticantes de tarô, abre espaço para uma nova perspectiva sobre o evento, indo além dos impactos políticos, estruturais e econômicos provocados pelo período pandêmico. A prática espiritual pode ser visualizada sob as lentes da História Social, numa tentativa de compreender de que forma a sociedade foi afetada ou não pelo contato com o misticismo através do oráculo mais utilizado no mundo ocidental.

O estudo do tarô no Brasil ainda sofre com lacunas sobre a história do baralho e sua prática em território nacional. Estudos nas áreas de sociologia e antropologia abordam a expansão da tarologia entre as décadas de 1970 e 1980 na região Sudeste do país, mas faltam pesquisas historiográficas que permitam construir uma genealogia da presença do oráculo na sociedade brasileira. Além disso, o impacto da espiritualidade no enfrentamento às grandes crises também carece de maior bibliografia, que conta com estudos mais direcionados a casos europeus e norte-americanos. Estes oferecem um importante arcabouço teórico-metodológico para a investigação da situação pandêmica, mas algumas particularidades dos hábitos religiosos e espirituais brasileiros, distintos daqueles comuns ao mundo anglo-saxão, podem não ser satisfatoriamente contemplados nessas pesquisas.

Ressalta-se também a influência da conjuntura política extremista, que, unindo-se à inesperada eclosão da pandemia de coronavírus, mergulhou as nações sob seu jugo numa experiência crítica de caos e insegurança social. Frente à ininterrupta divulgação de *fake news*, ao incentivado surgimento de teorias da conspiração e à postura negacionista de um Estado chefiado por um ultraconservador, o Brasil viveu um período desumano de práticas necropolíticas absurdas, que deixará marcas indeléveis – e merecedoras de minuciosas análises futuras – na política, na produção científica e no imaginário nacional.

Este artigo surge como uma análise exploratória de possíveis caminhos de observação da prática do tarô em tempos de pandemia no âmbito das relações de poder. Ao ressaltar o contexto político recente, marcado pela presença incontestada da extrema-direita e de seus discursos negacionistas, torna-se viável situar a evocação da espiritualidade como uma estratégia de resistência à necropolítica bolsonarista, levada ao seu ápice durante o surto de COVID-19. Afinal, por mais sombrios e alarmantes que sejam os momentos vividos, sempre existem formas de se empoderar e resistir às constantes ameaças físicas, sociais, políticas e emocionais de um governo movido pelo ódio.

Referências bibliográficas

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (Brasil). *Regulamento Sanitário Internacional*: RSI – 2005. Brasília: Anvisa, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/regulamento-sanitario-internacional/arquivos/7181json-file-1>. Acesso em 10 jun. 2022.
- AGÊNCIA SENADO. Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitadas; governistas questionam. *Senado Notícias*, Brasília, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Deus acima de todos. In: ABRANCHES, Sérgio *et al.* *Democracia em risco?* 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 35-51.
- ARAÚJO, Geraldo Antônio Balbuena de. *Aproximações e Distanciamentos entre a Carta Testemunha do Tarô Terapêutico – Método Pramad – e as Funções Psicológicas*. 2008. 65 f. Monografia (Especialização em Psicologia Junguiana) – Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, Instituto Centro Oeste de Educação e Pesquisa, Brasília, 2008.
- BERCITO, Diogo. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'. *GZH*, Porto Alegre, 31 mar. 2020. Política. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica-ck8fpqew2000e01ob8utoadx0.html>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchesi. Mística, espiritualidade e pandemia. *ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 257-269, 2020. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/753>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. [Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde]. *Diário Oficial da União*: seção 1: Poder Executivo, Brasília, p. 20-25, 4 mai. 2006.
- BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde*, Mangueiras, v. 4, n. 1, p. 11-30, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xsvqjXhWnJRWKBjxsxLfh6v/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2022.
- CAFEZEIRO, Amanda Sales *et al.* A espiritualidade no enfrentamento de crises globais. *Revista Pró-univerSUS*, Vassouras, v. 11, n. 2, p. 168-173, 2020. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/2367>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- CAVALCANTI, Fernanda Pinheiro. *O Tarô como prática integrativa e a extrassensorialidade no jogo: Analisando discursos de tarólogos e consulentes*. 2022. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- CLAVAL, Paul. Política, espaço e cultura: as ligações entre poder e religião. *Confins*, [s.l.], n. 12, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7115>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- DA SILVA, Cayo Cesar *et al.* Covid-19: Aspectos da origem, fisiopatologia, imunologia e tratamento - uma revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [s.l.], v. 13, n. 3, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6542/4310>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Espiritualidade como estratégia de resistência...

DIAS, Luiz Carlos. Momento Histórico: Tem início a vacinação contra a Covid-19 pelo mundo. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/momento-historico-tem-inicio-vacinacao-contra-covid-19-pelo-mundo>. Acesso em: 12 jun. 2022.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Poder e Verdade. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica*: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 202-224.

DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 111-128, 1983. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1292. Acesso em: 10 dez. 2022.

DUMMETT, Michael. Six XV-Century Tarot Cards: Who Painted Them? *Artibus et Historiae*, Cracóvia, v. 28, n. 56, p. 15-26, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20067158>. Acesso em: 2 jun. 2022.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARLEY, Helen. *A Cultural History of Tarot*. Londres; Nova York: I. B. Tauris, 2009.

FONTES, Virgínia. História, poder e práticas sociais. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n. 1, p. 11-24, 2005. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/8034/5942>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica*: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GOSWAMI, Amit. *O Universo Autoconsciente*: como a consciência cria o mundo material. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus*: Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. Figuras do religioso em movimento – O peregrino. In: HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido*: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 81-105.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. *O caminho do Tarot*. São Paulo: Editora Campos, 2016. (Selo Chave).

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LORO, Tarcísio Justino. Aconselhamento espiritual: um ministério a serviço do povo de Deus. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 21, n. 82, p. 33-54, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/17379/12897>. Acesso em: 12 dez. 2022.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MFzdwxKBBcNqHyKkckfW6Qn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MATHIEU, Edouard *et al.* Coronavirus Pandemic (COVID-19). *Our World in Data*, 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MENDONÇA, Ana. Mais uma vez, Bolsonaro imita pessoa com falta de ar durante live nas redes. *Estado de Minas*, 7 maio 2021. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/07/interna_politica,1264453/mais-uma-vez-bolsonaro-imita-pessoa-com-falta-de-ar-durante-live-nas-redes.shtml. Acesso em: 11 jun. 2022.

MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, 2021. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/525/17>. Acesso em: 13 jun. 2022.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 2007.

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do bolsonarismo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewArticle/36709>. Acesso em: 9 jun. 2022.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Alteridade, espiritualidade e pandemia. *Caminhos de Diálogo*, [S. l.], v. 8, n. 13, p. 231-248, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/27475>. Acesso em: 15 dez. 2022.

RIBEIRO, Matheus R. Brasil, 200 mil mortes por Covid: 200 frases de Bolsonaro minimizando a pandemia. *Yahoo Notícias*, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/200-frases-de-bolsonaro-minimizando-a-pandemia-do-coronavirus-203647435.html>. Acesso em: 11 jun. 2022.

ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaina Martins. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. *História, histórias*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 58-98, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/36429/30706>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SANAR SAÚDE. Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. *Sanar*, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Adriana Brito da *et al.* A extrema-direita na atualidade. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 119, p. 407-445, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/nTk6JtjrXGqcpGVcr8Rj4Wx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SOSTERIC, Mike. A Sociology of Tarot. *Canadian Journal of Sociology*, [s.l.], v. 39, n. 3, p. 357-391, 2014. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/cjs/index.php/CJS/article/view/20000/17203>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de Souza. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. *Dynamis*, Granada, n. 30, p. 41-64, 2010. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Dynamis/article/view/218634>. Acesso em: 18 set. 2022.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; AITH, Fernando Mussa Abujamra; RACHED, Danielle Hanna. A emergência do novo coronavírus e a “lei de quarentena” no Brasil. *Revista Direito e Praxis*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 102-138, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/49180/32876>. Acesso em: 11 jun. 2022.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Vol. 1. Brasília; São Paulo: UnB; Imprensa Oficial, 2004.

Espiritualidade como estratégia de resistência...

WHAT'S in your cards? Get your personalized Tarot Reading today! *YouTube Official Blog*, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://blog.youtube/news-and-events/whats-in-your-cards-get-your-personalized-tarot-reading-today/>. Acesso em: 20 set. 2022.

Recebido em: 13.10.2022

Aprovado em: 17.01.2023